

L I T E R A T U R A

Nestlé revela nomes de seus premiados

*Como dinheiro, é quase nada.
O prêmio serve mesmo para
promover os autores*

- Hugo Almeida?
- Sim.
- Você já assinou alguma coisa com o nome de Nathanael?
- Você está falando sério ou é brincadeira?
- É sério...
- É o Ricardo Ramos que está falando?
- Não, é o Irati Ramos, da Nestlé.
- Mas é sério mesmo? Que lugar?
- Primeiro.

Quatro diálogos telefônicos semelhantes atravessaram o Brasil na última semana quando Irati Ramos, da Nestlé, comunicou a poetas, contistas,

e Luzilá Gonçalves Ferreira, com *Muito Além do Corpo*.

Antônio Barreto, o vencedor da categoria poesia com *Vastafala*, já ganhou pelo menos 50 outros concursos. Ele acredita que esse método é muito eficiente para a publicação de suas poesias. Engenheiro, vivendo em Belo Horizonte, Barreto, além de construir estradas, tem a mania de encher sua gaveta com poesias. Quando transborda, ele entra em algum concurso. Há dez anos sem publicar um livro, Barreto entrou com essa antologia de poesias, segundo ele, a "gata borralheira" da literatura. Esse descaso pelo formal faz de Barreto um poeta sem compromisso com a moda. Seus versos são longos, líricos, quase discursos orais, peças para serem faladas. Tem um livro de contos e um romance guardados, à espera de algum editor. Ou de outro concurso. O segundo colocado, André Carneiro, tem vários contos publicados fora do



L. GEVAERD

Hugo Almeida: o melhor romance

Como dinheiro, é quase nada. O prêmio serve mesmo para promover os autores

- Hugo Almeida?
- Sim.
- Você já assinou alguma coisa com o nome de Nathanael?
- Você está falando sério ou é brincadeira?
- É sério...
- É o Ricardo Ramos que está falando?
- Não, é o Irati Ramos, da Nestlé.
- Mas é sério mesmo? Que lugar?
- Primeiro.

Quatro diálogos telefônicos semelhantes atravessaram o Brasil na última semana quando Irati Ramos, da Nestlé, comunicou a poetas, contistas, romancistas e escritores infantis — confirmando o pseudônimo de cada um — que eles haviam ganhado o primeiro lugar na Bienal Nestlé de Literatura deste ano. Apesar do prêmio não ser nada tentador em termos de dinheiro — cada categoria terá Cz\$ 80 mil para o 1º lugar, Cz\$ 40 mil para o segundo e Cz\$ 20 mil para o terceiro — a notícia certamente deixou felizes Hugo Almeida, que ganhou com o romance *Mil Corações Solitários*; Marcos Bagno, com a coletânea de contos *A Invenção das Horas*; Antônio Barreto com a antologia de poesias *Vastafala* e Stella Maris Rezende com o livro infantil *Alegria Pura*. Afinal, para autores inéditos, ou quase, ganhar um prêmio literário importante como o da Nestlé rende sempre bons dividendos, principalmente em termos de publicidade. Sem contar, é claro, a oportunidade — raríssima hoje em dia — de ter um livro publicado.

Mineiro de Nanuque, Hugo Almeida trabalha como redator de economia em *O Estado de S. Paulo*. Tem dois livros de contos publicados — *Globo da Morte* e *Em Teu Seio Liberdade* — e vê o prêmio como uma excelente chance de ter seu trabalho avaliado por nomes de peso da literatura. Fã incondicional do escritor Osman Lins, cujos livros lê e relê constantemente, Hugo inaugurou uma novidade em premiações literárias. Inscreveu seu romance, com o título e pseudônimos diferentes, em dois concursos ao mesmo tempo: o Nestlé e o Cidade de Belo Horizonte. “Não há nada nos regulamentos que impeça isso”, garante. Ganhou os dois.

“Sou um escritor em formação”, explica. “Estou apenas começando. Escritor não é como musa de verão que aparece um a cada ano. É preciso viver, sofrer. Acho que percorri apenas um terço do meu caminho literário. Daqui para a frente é preciso muito trabalho e dedicação.”

O veterano escritor José J. Veiga, um dos membros do júri para a categoria romance, prefere não falar especificamente deste ou daquele premiado pois na escolha dos três primeiros colocados — escolhidos por unanimidade — entraram fatores subjetivos. “A escolha estava muito difícil pois qualquer um dos 20 classificados eram premiáveis.” A nível dos concorrentes? “Excelente. Se de 167 inscritos conseguimos tirar 26 premiáveis considero uma ótima porcentagem. Entre eles, havia muita gente com novidades, trabalhando bem.”

Na categoria romance, foram premiados ainda o jornalista Roberto Somogyi com *Fundo do Poço*,

e Luzilá Gonçalves Ferreira, com *Muito Além do Corpo*.

Antônio Barreto, o vencedor da categoria poesia com *Vastafala*, já ganhou pelo menos 50 outros concursos. Ele acredita que esse método é muito eficiente para a publicação de suas poesias. Engenheiro, vivendo em Belo Horizonte, Barreto, além de construir estradas, tem a mania de encher sua gaveta com poesias. Quando transborda, ele entra em algum concurso. Há dez anos sem publicar um livro, Barreto entrou com essa antologia de poesias, segundo ele, a “gata borralheira” da literatura. Esse descaso pelo formal faz de Barreto um poeta sem compromisso com a moda. Seus versos são longos, líricos, quase discursos orais, peças para serem faladas. Tem um livro de contos e um romance guardados, à espera de algum editor. Ou de outro concurso. O segundo colocado, André Carneiro, tem vários contos publicados fora do Brasil (Alemanha, Japão, França). Foi seu primeiro concurso, faturando de cara o segundo lugar. O terceiro colocado foi Artur Eduardo Benevides, do Ceará, autor de *Os Deltas do Sono*.

Nilo Scalzo, que junto com Ledo Ivo e Marcos Accioli julgou a categoria poesia, diz que foram mais ou menos 500 inscritos, dos quais ele separou 30. Muitos entraram com poesias confessionais, adolescentes. E de cara foram descartados aqueles que tentavam explicar seus versos pelo prefácio. Scalzo aponta o vencedor Antônio Barreto como um poeta questionando o mundo e a própria literatura.

Na categoria infanto/juvenil, a vencedora foi Stela Maris Rezende, de Brasília, com *Alegria Pura*. Um texto que fala de uma menina malvada que vive prometendo seu irmão como namorado para suas coleguinhas de escola. Segundo Vivina de Assis Vianna, jurada desta categoria, *Alegria Pura* venceu porque, entre outras coisas, não trata a criança como uma pessoa que não raciocina. O segundo lugar ficou com Márcia Maria Batista Fernandes, autora de *A Caixa do Menino*, e o terceiro com Alair Alves Carvalho, autora de *Madrastra e Outras Histórias*.

O primeiro lugar na categoria conto ficou para Marcos Bagno, um mineiro de Cataguases, que nunca viveu em Minas. Tradutor e intérprete profissional, trabalhando principalmente para a Editora da Universidade de Brasília, onde morou até o ano passado, Marcos escreve desde criança, mas sempre poesia. Só no ano passado começou a escrever contos, reunidos numa coletânea que resolveu mandar para o concurso. “Concursos abrem portas, tornam a gente conhecido. Servem até mesmo como cartão de visita quando se procura trabalho como tradutor.”

Segunda colocada com a coletânea *Iluminuras*, Natércia Campos de Saboya é uma pacata dona de casa de Fortaleza, onde nasceu e criou os seis filhos. “Quando criança tinha uma velha bá preta que me contava histórias fantásticas. Mãe, passei todo esse imaginário para meus filhos. Avó, entristecida com a infância de videocassetes e TVs de seu primeiro neto, tive a idéia de passar para o papel aqueles contos fantásticos que ouvira na infância.” Em terceiro lugar ficou Luis Giffoni, com *A Jaula Inquieta*.

Os prêmios da Bienal Nestlé de Literatura serão entregues dia 8 de julho e os livros lançados na próxima Bienal do Livro.

A fábula do movimento no livro de Hugo

O tempo imóvel das relações pessoais contra a rapidez da história em livro premiado

J. C. D.

Poucas vezes, na água-rala da literatura brasileira, um romance de estreia consegue aliar rigor artesanal, engenhosidade na arquitetura, e uma leitura fácil e verdadeiramente prazerosa. *Mil corações solitários* (Scipione, 179 páginas, Cz\$ 1.400,00), do jornalista Hugo de Almeida, consegue uma façanha maior, dar credibilidade a um prêmio literário, a Bial Nestlé de Literatura, geralmente encarados como sumidouros de talentos.

Literatura de bricolagens, *Mil corações* desenha-se sobre dois tempos que faz lembrar o paradoxo da lebre e da tartaruga de Zenão. Sob pano de fundo, dois dos períodos mais movimentados da história recente no Brasil, o final dos 50 com início dos 60, e o início dos anos 80 — o auge da abertura política, quando estouram as greves, a pornografia é liberada e a revolução dos costumes diluída pela classe média. Em primeiro plano, a completa ausência de ação de uma família que criou um verdadeiro abismo linguístico entre seus membros. Os personagens só se comunicam por cartas que nunca chegam a seus destinatários.

O tempo paralisado da célula familiar em contraste com a movimentação do tempo histórico é um paradoxo não apenas grego mas que



Hugo de Almeida: literatura de bricolagens

acompanha a física deste século, na contradição da ausência de tempo no mundo minúsculo das partículas da física quântica contra a macro-rotação do tempo, na teoria da relatividade.

A comparação não é descabida, pois em certo momento o romance se transforma em entrevista com o físico Malcolm Browne. Já em outros, em literatura pornô. Seus efeitos de bricolagens tanto são uma referência à literatura de vanguarda contemporânea como a um clássico moderno como Brás Cubas, de Machado de Assis. O estilo de dramalhão epistográfico também foi buscado nos clássicos do século XVIII, como em *Clarisse*, de Richardson, ou *La nouvelle Heloise*, de Rousseau.

Livro que pode ser lido em uma tarde, pela fluidez da narrativa, no final, o naturalismo do romance se transforma em novela policial, e o leitor é brindado com uma espécie de final feliz com os personagens que afinal encontram seus caminhos.



CRÍTICAS • ESTRÉIAS • LANÇAMENTOS

LIVRO

Lançamento

Tempo imóvel dos corações solitários

O romance **Mil Corações Solitários** passou pela peneira crítica do ensaísta Eduardo Portella, dos escritores J.J. Veiga e Adonias Filho, entre outros membros de uma comissão julgadora, juntamente com outras 443 obras inéditas, durante a última Bienal Nestlé de Literatura e saiu premiado como o melhor na categoria. Hoje, a partir das 17h00, no Estação 109 (CLS 109, Bloco D, loja 35), Hugo Almeida, o autor de **Mil Corações Solitários**, estará autografando o seu livro em Brasília.

Mil Corações Solitários, publicado pela Editora Scipione, foi lançado no mês de julho em São Paulo, recebendo uma série de críticas favoráveis. A professora Elisa Guimarães, da Universidade de São Paulo, afirmou: "O que talvez desperta maior admiração é a originalidade da técnica de construção da obra. Múltipla, abarcando vários tons, sua essência recapitula um mundo de solidão e de desencontro". E o crítico paulista Júlio Carlos Duarte saudou a **Mil corações Solitários** como uma estréia de raro vigor: "Poucas vezes, na águarala da literatura brasileira, um romance de estréia consegue aliar rigor



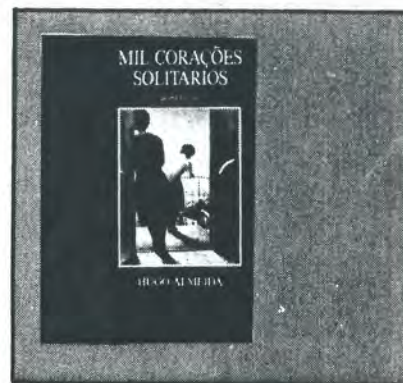
Hugo Almeida, vencedor da 4ª Bienal Nestlé de Literatura/88

artesanal, engenhosidade na arquitetura e uma leitura fácil e verdadeiramente prazerosa".

Mil Corações Solitários gira em torno da solidão de uma mulher casada, Níobe, que vive escrevendo cartas à mãe distante. Mas, a narrativa se desdobra ainda em outro plano

paralelo: as transcrições da **Corografia Brasília**, obra de autoria do Padre Manuel Aires de Casal, publicada em 1817. "As cartas que a remetente continua enviando à destinatária, mesmo depois da morte desta, podem ser lidas no seu conjunto como uma necessidade aguilhoante de evasão de um mundo restrito e sem

Divulgação



perspectivas. Af, o espírito de Níobe, infantilizado, se abre para todos os paroxismos da insegurança e do medo" — escreveu a professora Elisa Guimarães.

O contraponto das citações da **Corografia Brasília** estabelece uma relação de tensão com o estilo coloquial das cartas, pois ilustra ao mesmo tempo a tradição e os recursos dos homens e das regiões de Minas Gerais, onde se definem as regras do convívio e os aspectos físicos e morais que funcionam como critérios para o comportamento dos personagens. "A multiplicidade de perspectivas, facultada pela variação do foco narrativo, permite um enriquecimento notável do romance, que materializa no ato de escrever o ato individual e a ausência de solidariedade" — escreve José Carlos Garbuglio, na apresentação do livro.

□ **Mil Corações Solitários**, romance de Hugo Almeida, premiado durante a Bienal Nestlé de Literatura/88. Editora Scipione. 178 páginas. Lançamento hoje, a partir das 18h00, no Restaurante Estação 109, na 109 Sul, bloco D, loja 35.

Pode ler que é bom-

Entre os escritores mineiros da nova geração, que estão repercutindo no cenário nacional, ocupa posição de destaque Hugo Almeida, em especial o seu romance *Mil corações solitários*, duas vezes premiado: no ano passado, com o "Prêmio Cidade de Belo Horizonte", e neste ano com o "Nestlé", que lhe valeu a publicação. *Mil corações solitários* é uma narrativa em que se entrecruzam a análise psicológica do feminino, no contexto familiar problemático, e a ação de personagens no cotidiano em suas relações com o Outro. É um livro de leitura fluente e agradável, cuja técnica de composição — moderna porém descomplicada — conduz o leitor a refletir sobre questões que afetam a mulher de hoje, suas aspirações e fantasias, sob a ótica masculina antimachista.



*Leticia Malard,
professora de
literatura da UFMG*

Hugo Almeida, primeiro lugar em romance com "Mil Corações Solitários"

"Mil Corações Solitários", de Hugo Almeida, primeiro lugar na categoria romance da IV Bienal Nestlé de Literatura, gira em torno da solidão de uma mulher casada, Niobe. Mas o autor não gosta de falar sobre o livro. Para ele, "um romance é escrito para ser lido, não possui apenas uma história, um enredo — isto é só parte da obra". E acrescenta: "Há uma estrutura, a linguagem, a sequência dos capítulos, o desenvolvimento dos personagens. Eu conto com a participação do leitor".

O romance premiado em São Paulo é o mesmo "Carta de Navegação", que ganhou o Prêmio Cidade de Belo Horizonte em dezembro de 1987. Como pode? O autor responde: "Os regulamentos exigem que a obra seja inédita e que se inscreva sob pseudônimo. Quando saiu o resultado da Nestlé o livro continuava absolutamente inédito e ninguém sabia que era o mesmo premiado em Belo Horizonte. Eu podia perder os dois, não?"

Agora, o romance colhe os primeiros aplausos da crítica. "O que talvez desperta maior admiração é a originalidade da técnica de construção da obra. Múltipla, abarcando vários tons, sua essência recapitula um mundo de solidão e desencontro", escreveu a professora Elisa Guimarães, da Universidade de São Paulo. Na apresentação do romance, o professor e ensaís-



Hugo Almeida

ta José Carlos Garbuglio, autor de "O Mundo Movente de Guimarães Rosa" (Ática), observa: "Niobe deixa desdobrar-se sua personalidade em cartas, ao mesmo tempo angustiosas e saborosas pelo tom coloquial da linguagem, pela densidade poética, que logram captar a simpatia do leitor". Para o crítico paulista Júlio Carlos Duarte, "Mil Corações Solitários", "consegue aliar rigor artesanal, engenhosidade na arquitetura e uma leitura fácil e verdadeiramente prazerosa".

Hugo de Almeida lembra que os concursos literários têm sido fonte de revelações de grandes escritores brasileiros, como Osman Lins, Roberto Drummond, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Luiz Vilela, etc. Este ano, 443 romances concorreram ao Prêmio Nestlé. Mineiro de Nanuque, infância na Bahia, vinte e dois anos em Belo Horizonte e há quatro anos em São Paulo, Hugo é redator em "O Estado de São Paulo".

Mil Corações Solitários ORIGINAL TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO

Elisa Guimarães

Entre os predicados que fazem jus à premiação do livro de Hugo Almeida — *Mil Corações Solitários* (Ed. Scipione / Fundação Nestlé de Cultura) — como o melhor romance apresentado à 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, o que talvez desperta maior admiração é a originalidade da técnica de construção da obra.

Múltipla, abarcando vários tons, sua essência recapitula um mundo de solidão e desencontro, onde Níobe — vítima da imposição paterna — rumina desditas de um casamento malogrado.

Paralelos ao relato das linhas cotidianas e miúdas da história da protagonista, dois outros textos introjetam no romance como que um clima de libertação, enquanto lhe encarecem o vigor e o interesse. Dois textos de natureza diversa — um representado por cartas de Níobe endereçadas à mãe; outro, de natureza documental, transcrito de *Corografia brasílica*, obra de autoria do Padre Manuel Aires de Casal, publicada em 1817.

As cartas que a remetente continua enviando à destinatária, mesmo depois da morte desta, podem ser lidas no seu conjunto como uma necessidade aguilhoante de evasão de um mundo restrito e sem perspectivas. Aí, o espírito de Níobe, infantilizado, se abre para todos os paroxismos da insegurança e do medo.

Nessa parte da obra, o discurso se constrói por força de um texto que podemos chamar interpretativo

ou situar no nível imanente, se tomarmos emprestada a terminologia greimasiana. Os longos e freqüentes monólogos da heroína situam-na mergulhada na ânsia de buscar solução para o impasse que lhe mina os dias no frio e penoso convívio com Gamaliel Carvalho, o marido eternamente “à sombra do silêncio e do escritório”.

Enquanto o texto figurativo — o do relato — sustenta a rede episódica da obra no nível da manifestação, o interpretativo parafraseia a história, transpondo-a, contudo, para o círculo do questionamento, da reflexão. O livro, por isso, vem a ganhar progressiva densidade num único conflito aflorando em duas configurações, como dois núcleos dramáticos interligados.

Um terceiro texto, aparente ruptura na construção do romance, curiosamente o integra, quando fragmentos da *Corografia brasílica*, intermitentes ao longo da obra, ilustram o cenário das plagas de Minas Gerais, ricamente descritas em vários momentos: “É dever de todos nós transmitir às gerações vindouras o legado de cultura e de liberdade que recebemos de nossos antepassados, dessa nossa Minas Gerais de tantas tradições, com a beleza de suas paisagens, com o esplendor de suas igrejas, com a intimidade de suas velhas casas, com seus usos e costumes, sua personalidade, seu folclore, suas comidas, suas aguardentes, suas frutas, seus queijos”.

Assim, o texto de sabor histórico-documental funciona à maneira de pano de fundo complementando as feições do espaço belo-horizontino, onde se desdobram os acontecimentos.

Da articulação dos três textos resulta uma estrutura sabiamente elaborada — marca de quem entende do ofício de “escrever romance”, e romance de primeira qualidade, original, curiosíssimo.

A diversidade dos componentes estruturais da obra repete-se nos padrões do estilo e da linguagem — coloquial, quando instrumento das cartas de Níobe para a mãe, ou das reflexões de Ana, a filha: “Não suporto mais esse nada, aquele marasmo lá de casa”; altamente poética em passagens como a que abre o romance: “Primeira frase, a mais custosa. (Pudesse manejar dedos de pássaro, graveto por graveto.) É como se, vítima à frente, se ofertasse boa semente de uma conversa comprida, sem adeus. Desta forma, o sopro de um texto, duma história. Um tigre comparou o título a uma piscada ao leitor. Perfeito. Só que, após a imagem, vem o verbo. Sedução concluída? Falta pouco. Título e primeira frase: ou se mergulha naquilo ou larga de vez”. O estilo é atropelado, sem pausas, reflexo da realidade do cotidiano paulista, nas impressões de Níobe que — liberta das peias impostas pelo marido — chega para um fim de semana em São Paulo.

Ainda na pluralidade do foco narrativo, sente-se a intenção do romancista mais empenhada em construir do que propriamente em narrar — intenção antes arquitetônica que descritiva. No complexo e sutil jogo de vozes — ora em 1ª ora em 3ª pessoa — o leitor apreende um mundo romanesco alicerçado na polifonia, no coro, na sábia “acústica” que recolhe a profundidade e a beleza deste primeiro romance de Hugo Almeida.

Solitários corações pós-modernos

DONY ANTUNES*

Primeiro lugar na categoria romance da 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira-1988, dentre os 443 concorrentes, *Mil Corações Solitários* (Editora Scipione, 179 págs.), é o terceiro livro e primeiro romance do jornalista mineiro Hugo Almeida, de 36 anos. Na bienal de 1984, a comissão julgadora havia decidido não conceder o prêmio a nenhum dos 240 romances inscritos. Já pela premiação, a mais alta na área de ficção nacional (parcos Cz\$ 250 mil em julho, ou 156 OTNs), a obra sai como representativa da melhor produção da atual safra literária brasileira. Desta comissão julgadora fizeram parte os ficcionistas Adonias Filho e José J. Veiga e os críticos Eduardo Porteira, José Carlos Garbuglio e Alvaro Cardoso Gomes.

Historicamente, no entanto, concursos literários também têm servido como encobridores e não reveladores de novos talentos pessoais e caminhos culturais. Se melhores obras foram preferidas nesta bienal, só o tempo poderá esclarecer. É certo que *Mil Corações Solitários*, porém, por si mesmo, representa um bem-sucedido sopro de vitalidade e digestão de experimentações no nosso desprofissionalizado e combalido universo literário.

Ao utilizar o pseudônimo de Nathanael, em homenagem a

Nathanael West, escritor norte-americano que em 1940 morria pobre e desconhecido aos 37 anos, Hugo Almeida certamente apenas sonhava com a premiação. Sua fonte de inspiração, *Miss Corações Solitários* (1933; publicado no Brasil em 1985 pela Editora Brasiliense, em tradução de Paulo Henrique Britto), havia encantado escritores tão dispares como Sartre, Dashiell Hammet e William Faulkner, mas rendera não mais que miseráveis dólares "para o bolso de West. Ironia do destino: ao utilizar-se do procedimento paródico, tão caro aos pós-modernos — é a História que se repete como farsa, como já avisara Marx —, o homenageador recebe, antropofagicamente,

glórias que não couberam ao homenageado. Injustiça? Senso de contemporaneidade, talvez.

Porém, *Mil Corações Solitários* é muito mais do que similaridades acrílicas e imitativas. Para sua rede, o autor lança mão dos mais variados recursos da era do pós-tudo: intertextualidade, através do texto oitocentista *Corografia Brasileira*, de Padre Manuel Aires de Casal, da entrevista com o físico Malcolm W. Browne, de uma frase atribuída a John Lennon e pichada num muro; polifonia narrativa, pois além do autor há vários sujeitos enunciadoreis; incerteza e indeterminação do fluxo da história, o que leva o leitor a se colocar como sujeito reordenador do aparente caos;

hibridização e variação de procedimentos estilísticos, como cartas, monólogos interiores, depoimentos, narrativas, reportagens; fragmentação e descontinuidade narrativa; homonimização, como nos quatro personagens chamados René.

Não pense o leitor, no entanto, que se trata de mais uma das intragáveis radicalizações experimentais vanguardistas ou de uma descombinada salada de frutas. Não. É interessante que há uma estória, cronologicamente narrada, que serve de contraponto para a reflexão crítica sobre os últimos trinta anos da História brasileira no âmbito das relações familiares e sócio-políticas. Há também uma noção de espaço concentradamente delimitada em São Paulo e Belo Horizonte.

No mundo de profundos desencontros familiares e pessoais do casal Niobe e Gamaliel Carvalho e de seus filhos René e Ana, não pode haver mais que solidão e isolamento, incertezas e inseguranças, sonhos e tentativas de realizações. Com direito a ocasional happy end. Vampirizado turbilhão de experiências literárias contemporâneas *Mil Corações Solitários* exige, por seu lado, que o leitor esteja atento para a recomposição de seus jogos de armar. Aliás, não é assim a vida, ela mesma?

*Dony Antunes é jornalista e mestre em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP)

TRECHO/Mil corações...

Ano de mudanças aquele 81. O café era a minha esperança de grandes lucros. Imponderável clima. Uma semana antes, no mês de julho, estive na Paraíso e me senti feliz ao contemplar o verde do cafezal. O horizonte embalava meu sossego. Um bom artista desenvolveria ali magnífico estudo do verde e seus matizes.

— Doutor Carvalho — ligou-me o Manuel, aflito —, que o senhor venha depressa. Queimou tudo. A geada.

Voltei. Ah, como foi triste encontrar a paisagem marrom, que aperto no coração.

A sorte me deu essa fazenda, explorar a terra não é a minha vocação. Mas tenho gosto. E esperança. Quero também que os pequenos possam trabalhar e comer. Agora cultivo arroz, tiro leite, crio gado. Penso em soja, ganha áreas e áreas por aqui.